

- Diário de Bordo: **Voz entre dois silêncios**
- Itinerário Principal (ip): **escuta/resposta**
- Itinerário Complementar (ic): **formação**  
– **Carta vocacional 21**
- Drive In: **18out2015 - Dia Mundial das Missões**
- Mapa: **Elementos para se descobrir ou confirmar a vocação pessoal a partir da experiência da misericórdia de Deus - parte I**

## mapa de orientação vocacional

PASTORAL DAS VOCAÇÕES - DIOCESE DE VISEU  
www.vocacoes.diocesedevisau.pt

ic

### Carta vocacional 21

Possivelmente, não há tarefa mais formosa que dedicar-se a construir pontes; particularmente para os jovens. Sobretudo num tempo em que tanto abundam os construtores de barreiras.

Num mundo de tricheiras que distanciam, que tarefa melhor que ser ponte que aproxima?

No entanto, sai caro ser ponte. É um ofício pelo qual se paga muito mais do que aquilo que se cobra. Ser ponte é, fundamentalmente, suportar o peso de todos os que passam por ele.

A resistência, o vigor e a solidez são as suas virtudes. Numa ponte, conta menos a beleza e a simpatia – ainda que seja muito belo ter uma ponte formosa. Conta, sobretudo, a capacidade de serviço, sua utilidade. E uma ponte vive no desagrado: ninguém fica a viver por cima das pontes. Usam-se para atravessar e assentam-se na outra margem. Quem espera carinhos pode procurar outra profissão. O mediador termina a sua tarefa depois de ter mediado. O que vem a seguir é, quase sempre, o esquecimento.

Todos e cada um dos que trabalhamos na pastoral temos de assumir que a nossa responsabilidade na pastoral vocacional comporta **ser pontes**, isto é, realizar uma aproximação real ao mundo dos jovens, quando o que, por vezes, mais se evidencia é a nossa distância dos jovens. Em tantas ocasiões, não são os jovens que estão longe de nós, mas somos nós que estamos longe deles. Pomos abismos ou muros entre eles e nós. Faltam mais pontes.

Estamos longe dos jovens quando vemos só os aspetos negativos da cultura juvenil atual, quando pensamos que a juventude é "uma doença que passa com os anos" e recusamos, *a priori*, as suas reivindicações, muitas vezes justas; estamos longe do mundo juvenil quando os jovens nos incomodam e tentamos evitá-los; ou quando nos domina a reserva, a desconfiança ou o medo deles.

Pelo contrário, estendemo-lhes pontes ou estamos próximos do seu mundo quando, apesar das dificuldades, tentamos compreendê-los, deixamo-nos questionar por eles, acondicionamos as nossas casas para que possam encontrar nelas um ambiente de acolhimento e de intercâmbio, empregando pacientemente o nosso tempo para escutá-los e acompanhá-los no seu caminho de fé.

Assumirmos a responsabilidade da pastoral vocacional exige, por último, chegar até ao fim. Implica que tenhamos a coragem e a capacidade de fazer uma proposta clara e explícita. Construir a ponte definitiva que aproxime de Jesus, que espera os jovens na outra margem. Porque ser ponte implica ser fiéis às duas margens: o outro e Jesus.

Dentro de todo o processo de iniciação na vida da fé deve haver um momento em que se apresente a proposta vocacional. Àqueles jovens que apresentam sinais de vocação há que fazer, com grande delicadeza, esta pergunta: E tu? Porque não? E aceitar a recusa, sem que com isso perdamos a paz e a consciência do dever cumprido. STOP



### Voz entre dois silêncios

### diário de bordo

Foi assim que alguém definiu a Oração. Talvez possa ser definida assim, por vezes, também, a Vocação. Deus chama, mas não é fácil descortinar por onde Ele nos quer levar. Consequentemente, também não nos é fácil decidir sempre que passos dar. Dá a impressão que não são só as pessoas que podem viver nas «periferias» da existência. Também a possibilidade de uma existência feliz, por vezes, está remetida para as «periferias» da escuta e da decisão.

De facto, o tema da Vocação, como pudemos verificar com a insistência do Santo Padre, na recente visita *ad limina* dos bispos de Portugal, está nas «periferias» da Catequese e da Família, como se o cumprimento de um percurso "obrigatório" estivesse desligado da descoberta da missão específica que realiza a própria felicidade.

Há muito que desmontar na confusão quase "mítica" da proposta pastoral dos percursos da fé, para voltar a "entrelaçar" tudo na descoberta pessoal e comunitária do fim para que fomos criados e fundados. Os silêncios acabam-se com as atitudes de mudança. Jesus iniciou... O Papa entusiasmou... e nós, seus seguidores? A solução pode estar mesmo na escuta e no serviço aos que vivem nas "margens". STOP

ip Sua mãe e seus irmãos vieram ter com Ele, mas não podiam aproximar-se por causa da multidão. Anunciaram-lhe: «Tua mãe e teus irmãos estão lá fora e querem ver-te.» Mas Ele respondeu-lhes: «Minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a Palavra de Deus e a põem em prática.»

(Lc 8, 19-21)

- Neste mês de outubro, com o Papa Francisco, rezamos...
- Para que seja erradicado o tráfico de pessoas, a forma moderna de escravidão.
  - Para que, com espírito missionário, as comunidades cristãs do continente asiático anunciem o Evangelho a todos aqueles que ainda não o conhecem.
  - Pai Nosso.

### drive in

# Missão:

o que o amor não pode calar



**Vigília Missionária**  
16 out 2015 (sexta-feira)  
Igreja do Carmo - Viseu, 21h

**Dia Mundial das Missões**  
18 out 2015

Em breve, teremos um novo canal:  
**Sondar o Horizonte** 300024



**Elementos para se descobrir ou confirmar a vocação pessoal a partir da experiência da misericórdia de Deus I**

**Muito próximos** da vivência do Ano Santo da Misericórdia, somos convidados a perceber melhor o que significa não só a palavra "misericórdia", mas também a vivê-la, quer pelo acolhimento do amor benevolente de Deus (apesar das nossas culpas), quer na forma como lidamos com (a fragilidade de) os outros.

No entanto, ainda podemos ir mais longe, tendo a coragem de imitar o que fez o Papa Francisco: **fazer a experiência da misericórdia de Deus como caminho de descoberta vocacional ou de confirmação da própria vocação pessoal**. Não foi por acaso que o Pontífice escolheu para lema do seu Pontificado a expressão "miserando atque eligendo". Este mote foi tirado das Homilias de São Beda, o Venerável, sacerdote, o qual, comentando o episódio evangélico da vocação de São Mateus, escreve: «Vidit ergo Iesus publicanum et quia miserando atque eligendo vidit, ait illi Sequere me» (*Viu Jesus um publicano e dado que olhou para ele com sentimento de amor e o escolheu, disse-lhe: Segue-me*).

Esta homilia é uma homenagem à misericórdia divina e é reproduzida na Liturgia das Horas da festa de São Mateus. Ela reveste um significado especial na vida e no itinerário espiritual do Papa. Com efeito, na festa de São Mateus do ano de 1953, o jovem Jorge Bergoglio experimentou, com 17 anos, de modo totalmente particular, a presença amorosa de Deus na sua vida. Depois de uma confissão, sentiu o seu coração ser tocado e sentiu a descida da misericórdia de Deus, que com o olhar de amor terno, o chamava à vida religiosa, a exemplo de santo Inácio de Loyola.

Quando foi eleito bispo, D. Bergoglio, em recordação deste acontecimento que marcou o início da sua consagração total a Deus na Sua Igreja, decidiu escolher, como mote e programa de vida, a expressão de São Beda, "miserando atque eligendo", que reproduziu também no brasão pontifício.

(cf. www.vatican.va)

**Como podemos**, então, imitar o Santo Padre, nesta arte de nos aventurarmos no seguimento do Senhor, através da experiência da misericórdia divina?

Neste "mapa" (dividido em duas partes) vamos tentar oferecer elementos que, por um lado, ajudem a compreender o caminho de Mateus e a experiência do Papa Francisco. O discernimento da vocação e o esforço da conversão pessoal andam juntos. O jovem Jorge Mário Bergoglio era universitário quando fez viveu a sua primeira experiência da misericórdia. Não será que os elementos que adiante apontamos andariam juntos na sua caminhada em busca do sentido da sua vida? Então, aventureiros, adiante!



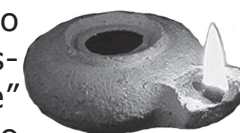
**Como pressuposto**, sugere-se um necessário grau de abertura e flexibilidade, que é o mesmo que dizer tolerância, para consigo e para com os outros. A rigidez nunca ajudou ninguém a sair de lado nenhum, nem a ser feliz. Não se confunda exigência com essa rigidez; e, por descabido que pareça, haja coragem para ter a naturalidade (ou honra) de relativizar algumas coisas que se tinham como certas e é preciso relativizar. Páre-se um tempo a "jogar" com a Verdade, fazendo perguntas à forma como se vê a realidade. Se não se conseguir sozinho/a, peça-se ajuda a um diretor espiritual. O objetivo é aventurar-se num estilo crítico da realidade da vida humana iluminado pela mundividência cristã. Se já se possui esta capacidade, inicie-se!

**Para começar**, faça-se um *check-up* à forma como está a acontecer o desenvolvimento humano através de três estilos de conversão pessoal que coincidem com as correspondentes faculdades do ser ou da alma: a inteligência, o afeto e a vontade – faculdades que estão sempre em atividade, mesmo que nem sempre orientadas pela mente consciente. Entenda-se que, aqui,

"conversão" significa, antes de tudo, um esforço pré-moral, uma atitude assertiva em relação aos dons que Deus nos apresentou e que precisamos de tomar em conta para o nosso crescimento integral (intelectual, afetivo, volitivo, espiritual, vocacional, etc.).

A conversão é o procedimento que ajuda a atingir uma meta de transformação pessoal ou de autotranscendência, através de metas intermédias, não cronologicamente, mas transversalmente, pois elas relacionam-se mutuamente para o fim preciso da vocação pessoal. Assim:

a) A **conversão intelectual** conduz a um esclarecimento radical no plano do conhecimento, abre à verdade, desenvolvendo no sujeito a capacidade para o realismo crítico. Daquilo que "me parece" pelos sentidos, passa-se à observação mais objectiva da realidade, daquilo que "é em si mesmo".



b) A **conversão moral** modifica o critério das próprias escolhas: do que é ditado pelas próprias satisfações passa-se a agir segundo o critério dos valores morais objectivos e transcendentais, últimos pontos de referência diante dos quais o sujeito é chamado a conformar-se para garantir a descoberta da sua autenticidade. Garante uma auto-crítica diante dos próprios conhecimentos, das próprias intenções e acções em ordem aos valores.



c) A **conversão religiosa** consiste em ser presos por aquilo que nos toca absolutamente. É enamorar-se de forma ultra-mundana. É entregar-se totalmente e para sempre sem condições, restrições e reservas. Este entregar-se é um estado dinâmico e não um acto simples. Manifesta-se na consciência existencial através da aceitação estabelecida de uma vocação específica à santidade. Não há, por assim dizer, fim para esta conversão, ilimitados como são o dom de Deus e a inquietude do homem crente.



**Para que horizonte** queres "atirar" a tua vida? Com que finalidade queres gastar as tuas aspirações? As ambições que cresceram em ti no contacto com a realidade e através do esforço da tua vontade, são para dedicar a quem ou a quem?

Como horizontes de vida, existem: o amor

da intimidade, do marido e da mulher, dos pais e dos filhos; o amor aos próprios semelhantes, que tem como fruto a realização do bem-estar humano; o amor de Deus com todo o próprio coração e com toda a própria alma, com toda a própria mente e com todas as próprias forças (cf. Mc 12, 30). Estes horizontes correspondem às "faces" do amor descritas por Bento XVI na Encíclica *Deus caritas est*: erótico, filantrópico, agápico.

Talvez as tuas escolhas estejam centradas nalgum dos tipos ou a não-escolha também te feche nalgum deles (por vezes, irremediavelmente!). Assim:

1. A **autotranscendência** é chamada de **egocêntrica** quando aposta todas as energias num estilo de vida autocentrado, onde o possuir, o prazer e o poder são colocados no pódio da promoção da pessoa (seja na relação com os outros, seja na realização profissional). Na verdade, neste tipo, a pessoa supera-se pelo esforço, mas não sai de si.

2. A **autotranscendência** é chamada de **filantrópico-social** quando alguém se aventura em colocar o seu esforço e tempo na ajuda aos outros. Acontece, aqui, um progresso no horizonte de vida da pessoa que, realmente, sai fora de si.

3. A **autotranscendência** é chamada de **teocêntrica** quando se realiza a "ágape cristã", ou seja, quando se oferece a própria vida como resposta a desígnios que são orientados por um amor ultra-mundano. Implica ser enamorados por Deus, enquanto experiência, ser enamorados de uma maneira que não conhece limite algum. Cada amor é doação de si, mas ser enamorados por Deus é ser enamorados sem limites, nem restrições, nem condições, nem reservas. Como a nossa capacidade ilimitada de questionar constitui a nossa capacidade de autotranscendência, assim o ser enamorados de forma ilimitada constitui o cumprimento próprio de tal capacidade. O horizonte teocêntrico da autotranscendência tem a força capaz de atrair e purificar os outros horizontes (egocêntrico e filantrópico-social).

Numa das próximas edições do Sinaleiro, iremos refletir como estes elementos podem orientar o teu **exame de consciência** e a **reconciliação** com Deus e com o teu futuro.